



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Considerações sobre a Ontologia Histórico-Materialista</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Ricardo Lara</b>	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	Docente
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O presente trabalho tem como objetivo apresentar a ontologia histórico-materialista a partir da leitura lukacsiana da obra de Marx. Durante o século XX, a teoria social de Marx sofreu diversas interpretações as quais vão desde o mecanicismo e economicismo do "marxismo oficial" até a consideração do pensamento de Marx como ciência especializada, de acordo com as concepções das várias disciplinas específicas, seja na sociologia, na economia, na história, na ciência política e até mesmo na filosofia. Contra esse caráter parcial, fruto da ideologia decadente da sociedade burguesa, a preocupação central que perpassa a leitura de Lukács, em relação a Marx, é evidenciar a vitalidade dos fundamentos da teoria social de Marx para compreensão da produção e reprodução da vida social. A recuperação da proposta teórico-filosófica original de Marx é o que torna Lukács tão peculiar entre os marxistas. Lukács busca retomar a teoria marxiana para se debruçar sobre as contradições insustentáveis da prática humana na ordem do capital, ou seja, das relações sociais sob a lógica da propriedade privada dos meios fundamentais de produção e do trabalho alienado. Lukács teve projeto ousado e de fundamental importância, ele se preocupou com o revigoramento do pensamento de Marx, a leitura de Marx em Lukács centra-se em uma perspectiva que entende a teoria social de Marx como uma ontologia do ser social.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Marxismo; Materialismo; Ontologia			
ABSTRACT			
<p>This paper aims to present the ontology from historical-materialist reading of Marx's work Lukacsian. During the twentieth century, Marx's social theory which has undergone various interpretations ranging from the mechanism and the economism "official Marxism" to the consideration of Marx's thought as a specialized science, according to the concepts of specific disciplines, sociology is , economics, history, political science and even philosophy. Against this partial, decaying fruit of the ideology of bourgeois society, the central concern running through the reading of Lukacs, for Marx, is to highlight the vitality of the foundations of social theory from Marx to understand the production and reproduction of social life. The recovery of the original proposal-philosophical theory of Marx is what makes it so peculiar Lukacs among Marxists. Lukacs resume search Marxian theory to look into the contradictions of human practice unsustainable in the order of capital, ie, social relations in the logic of private ownership of the basic means of production and of alienated labor. Lukacs and daring project was of paramount importance, he was concerned with the revival of Marx's thought, reading Marx in Lukacs focuses on a perspective that understands the social theory of Marx as an ontology of social being.</p>			
KEYWORDS			
Marxism, Materialism, Ontology			

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio objetiva apresentar considerações introdutórias sobre a *ontologia histórico-materialista*. Para atender a proposta anunciada, vamos indicar a importância da leitura de Lukács sobre a obra de Marx e procurar entender a emergência do pensamento do filósofo húngaro no interior do marxismo.

György Lukács nasceu em Budapeste, Hungria, em 1885, e faleceu na mesma cidade, em 1971. Em sua juventude recebeu influência de diferentes pensadores, entre os quais destacamos: Kierkegaard, Kant e Hegel. Também manteve estreitas relações pessoais com os intelectuais de seu tempo como: Max Weber, Ernest Bloch, Georg Simmel, Emil Lask, Ferdinand Tönnies, Karl Mannheim, Arnold Hauser. A partir de 1918 inicia organicamente seu estudo sobre a obra de Marx, o que viria a torná-lo um dos mais perspicazes estudiosos da teoria social marxiana no século XX.

Lukács, devido a sua trajetória intelectual que vai de uma visão de mundo com “*problemáticas éticas puramente idealistas*” ancoradas na negação romântica da sociedade capitalista às severas críticas ao neopositivismo e ao marxismo do século XX e suas diversificadas interpretações, é tido como intelectual de complexa compreensão. O filósofo húngaro transitou pelas várias áreas do conhecimento humano, sem em nenhum momento isolá-las, foi crítico assíduo da fragmentação do saber, consequência direta da alienação e divisão social do trabalho. Por isso, é um autor que não pode ser encaixado dentro de uma ciência particular específica, sua teoria social estabelece relação direta e reciprocidade entre filosofia, economia, cultura, política e vida social, elaborando assim um saber que rompe com a hegemonia das disciplinas isoladas.

Lukács, em algumas ocasiões, foi considerado pensador difícil ou até indigesto. Isso talvez proceda do universo cultural<sup>1</sup> que ele exige do seu interlocutor, ou mesmo pelo caráter totalizante do seu pensamento, que não sucumbiu à fragmentação e à *especialização das ciências sociais* contemporâneas. Plenamente coerente com relação a estes dois aspectos anunciados, a obra lukacsiana não se prende às disciplinas isoladas, mas reivindica o constante diálogo com a vida social, aprendida enquanto *processualidade* das relações sociais, políticas, culturais, econômicas e compreende com radicalidade *a história como principio fundamental de todo ser*<sup>2</sup>.

A caminhada intelectual desse pensador (como tantos outros que encontraram na *emancipação humana* a causa para a consumação das suas vidas) tem com a obra de Marx aproximação diferenciada, o que se justifica pelo *projeto* ousado de retomar o pensador alemão e compreendê-lo sem as interpretações protocolares e oficiais, ou mesmo o academicismo decadente presente no século XX.

---

<sup>1</sup> Lukács, no período pré-marxista, dedicou seus estudos sobre as expressões culturais (poesia, teatro, literatura), em decorrência desses estudos desenvolveu ampla erudição, não é obstante que nos escritos acerca de vários assuntos desde a política até a ontologia, perpassa constante diálogo com autores como Goethe, Shakespeare, Thomas Mann entre outros da cultura europeia ocidental.

<sup>2</sup> A ontologia de Lukács, fundamentada numa concepção genética-histórica, concebe: “A atividade humana, tanto espiritual como material, aparece agora, extensiva e intensivamente, como consequência muito ramificada da adaptação ativa do ser humano, em tal modo tornado social, ao desenvolvimento específico – que pressupõe a natureza como base – do ser social, da própria generidade. Com isso, é descrita uma das mais significativas conquistas da ontologia marxiana do ser social: a gênese do pensamento a partir da gênese do ser humano como ser vivo peculiar, a partir da gênese da sociedade como fundamento peculiar e consequente da constituição genérica essencialmente nova dele [do ser humano].” (LUKÁCS, 2010, p. 365).

## I - LUKÁCS E SEUS DIVULGADORES NO BRASIL

No âmbito do debate marxista, foi somente após o rompimento com a ortodoxia stalinista, nos anos de 1950, que Lukács começa a ser conhecido pelos movimentos sociais e, conseqüentemente, pela esquerda brasileira. No Brasil, as tentativas de publicar textos desse filósofo ocorreram somente após 1964. A divulgação do pensamento de Lukács no Brasil esteve inicialmente vinculada ao projeto de um pequeno grupo de intelectuais comunistas não ligados profissionalmente à vida acadêmica. Os ares da renovação do movimento comunista internacional e a situação específica da esquerda brasileira, com o regime militar, favoreceram a aproximação e a adesão às idéias do intelectual húngaro. A divulgação da obra de Lukács esteve inicialmente nas mãos de jovens intelectuais, quase todos gravitando ao redor do Partido Comunista Brasileiro – PCB, que atuavam no Rio de Janeiro (Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho), em São Paulo (José Chasin, José Carlos Bruni) e, posteriormente, em Juiz de Fora (José Paulo Netto, Gilvan Procópio Ribeiro e Luiz Sérgio Henriques). A juventude marca a introdução do pensamento de Lukács no Brasil, Carlos Nelson Coutinho publicou seu primeiro trabalho sobre Lukács com dezesseis anos de idade; José Carlos Bruni traduziu *Existencialismo ou Marxismo?* quando tinha vinte e três anos; José Paulo Netto com vinte e três anos publicou artigos sobre a *Teoria do Romance*; José Chasin, ainda estudante de filosofia, escreveu ensaio criticando Karl Mannheim a partir das idéias lukacsianas. (FREDERICO, 1996; 2008).

A renovação do marxismo reivindicou Lukács, principalmente na luta ideológica contra o irracionalismo (identificado com o existencialismo), e na defesa do realismo na arte. Após o Vigésimo Congresso do Partido Comunista da União das Repúblicas Soviéticas – PCUS, a tentativa de renovar o pensamento marxista e livrá-lo do esquematismo stalinista fez com que alguns intelectuais observassem em Lukács um pensador fecundo e, ao mesmo tempo, herdeiro da melhor tradição cultural do movimento comunista. No Brasil, de acordo com Frederico (1996, p. 128):

A divulgação militante havia-se iniciado com a tradução de alguns textos lukacsianos publicados ainda no pré-64 pelas revistas *Problemas da Paz e do Socialismo* e *Estudos Sociais*; logo depois do golpe, ela continuou a ser feita nas páginas da *Revista Civilização Brasileira*; e, no início da década de 70, na revista *Hora* (editada em Juiz de Fora). Nos anos seguintes os canais de divulgação foram: de 1977 a 1981, a revista *Temas de Ciências Humanas*; a partir de 1984, *Ensaio*; e de 1986 a 1991, *Revista Novos Rumos*.

A divulgação de Lukács na Universidade brasileira ocorreu de forma muito tímida, poucos autores na literatura e/ou na filosofia recorreram a Lukács. Dentre eles, podemos citar: na filosofia – Paulo Arantes, Wolfgang Leo Maar, Carlos Eduardo Jordão, Marcos Nobre e Arlenice Silva; na literatura – Antonio Candido, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz. Nas décadas de 1970 e 1980 as obras mais conhecidas e lidas eram *História e Consciência de Classe*, *Teoria do Romance*, *A Alma*

e as Formas, Narrar ou Descrever. Tais obras ofereciam suporte teórico principalmente para a literatura, mas não apresentavam ainda a perspectiva ontológica desenvolvida por Lukács na sua última fase, nas obras *Estética* e *Ontologia do Ser Social*<sup>3</sup>.

No domínio das ciências sociais, as principais referências a Lukács estão nos livros de Michael Löwy<sup>4</sup>, José Chasin, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Celso Frederico, Ricardo Antunes, e mais recentemente de Ivo Tonet, Sérgio Lessa e Maria Orlanda Pinassi<sup>5</sup>. Na produção teórica do Serviço Social, as principais expressões do pensamento marxiano-lukacsiano são: José Paulo Netto, Maria Lúcia Barroco e Yolanda Guerra<sup>6</sup>.

Nas Universidades brasileiras, Lukács e sua *Ontologia* está presente nas dissertações e teses orientadas por José Chasin e Ester Vaisman, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais; por José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro; por Ricardo Antunes, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas; por Ivo Tonet e Sérgio Lessa no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas e por Maria Orlanda Pinassi no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista.

Após meio século das primeiras incidências de sua obra no Brasil, Lukács ainda é pouco conhecido. É autor que apresenta resistência às formas fragmentadas de compreensão e explicação

---

<sup>3</sup> Segundo Oldrini (2002, p. 51): “Lukács só pensa numa Ontologia muito tarde, como introdução a uma ética marxista, para a qual ele já vinha recolhendo grande quantidade de materiais preliminares pelos menos desde o fim dos anos 1940, e que se torna mais forte (mas também é posta temporariamente entre parênteses) com o início do trabalho na grande Estética, datável de 1955: trabalho que prosseguiu até 1960.”

<sup>4</sup> Em 1962, quando era estudante na Universidade de São Paulo – USP, Michel Lowy escreveu um artigo pioneiro na *Revista Brasiliense* em que expunha as idéias de Lukács e Gramsci. Nessa mesma época realizou uma pesquisa com lideranças operárias usando categoriais teóricas extraídas de *História e Consciência de Classe*. Mais tarde, residindo em Paris, continuou divulgando, na esteira aberta por Lucien Goldmann, a obra juvenil de Lukács e retomando a crítica à sociologia como ciência autônoma. (FREDERICO, 1996, p. 130)

<sup>5</sup> Michel Lowy – *Método dialético e teoria política* (Paz e Terra, 1975), *Ideologias e ciência social* (Cortez, 1985), *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen* (Busca Vida, 1987), *A evolução política de Lukács* (Cortez, 1998); José Chasin – *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica* (Ensaio, 1995); Carlos Nelson Coutinho – *O Estruturalismo e a Miséria da Razão* (Paz e Terra, 1972); Leandro Konder – *Lukács* (L&M, 1980); Celso Frederico – *Consciência operária no Brasil* (Ática, 1978), *Vanguarda operária* (Símbolo, 1979), *Lukács: um clássico do século XX* (Moderna, 1997); Ricardo Antunes – *Classe operária, sindicato e partido no Brasil* (Cortez, 1988), *A rebeldia do trabalho* (Ensaio/Unicamp, 1988) e *Os sentidos do trabalho* (Boitempo, 1999); Ricardo Antunes e Valquíria Rego (org.) *Lukács um Galileu no Século Vinte* (Boitempo, 1996); Ivo Tonet – *Educação, cidadania e emancipação humana*. (Unijuí, 2005); Sergio Lessa – *Mundo dos homens: trabalho e ser social* (Boitempo, 2002); *Para compreender a ontologia de Lukács* (Unijuí, 2007); Maria Pinassi – *Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica* (Boitempo, 2009); Maria Pinassi e Sérgio Lessa – *Lukács e a atualidade do marxismo* (Boitempo, 2009).

<sup>6</sup> José Paulo Netto – *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64* (Cortez, 1990), *Capitalismo Monopolista e Serviço Social* (Cortez, 1992); Maria Lucia Barroco – *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos* (Cortez, 2001); Yolanda Guerra – *A Instrumentalidade no Serviço Social* (Cortez, 1995).

da realidade social, que cobra dos seus interlocutores conhecimentos universais que fogem da lógica das ciências particulares<sup>7</sup>. Tais aspectos justificam a tímida divulgação de sua obra.

## II) LUKÁCS E A ONTOLOGIA HISTÓRICO-MATERIALISTA

O marxismo ao longo do século XX sofreu várias interpretações que, em muitos casos, resultaram no distanciamento do pensamento do próprio Marx. György Lukács (1885-1971) dedicou-se a um *projeto* ousado e de fundamental importância: a recuperação/revigoramento da proposta teórico-filosófica original de Karl Marx. Para tal, seus estudos centram-se numa perspectiva que entende a teoria social de Marx como uma *ontologia do ser social*<sup>8</sup>, isto é, como estudo do autodesenvolvimento da vida material e espiritual da sociedade humana, o que o torna tão peculiar entre os marxistas.

Durante o século XX a teoria social de Marx sofreu interpretações que vão desde o mecanicismo e economicismo do “marxismo oficial” (imprimido pelo stalinismo) até a consideração do pensamento de Marx como ciência especializada, de acordo com as concepções das várias disciplinas específicas: sociologia, economia, história, ciência política e até mesmo a filosofia<sup>9</sup>. Contra esse caráter parcial, fruto da *ideologia decadente* da sociedade burguesa, a preocupação central que perpassa a leitura de Lukács é evidenciar a vitalidade dos fundamentos da teoria social de Marx como crítica imanente (ao capitalismo) que apresenta a proposta humanitária mais integral. Com este propósito, retomou a teoria marxiana e se debruçou sobre as contradições insustentáveis da prática humana na ordem do capital. Ordem esta que se assenta em relações sociais completamente influenciadas pela lógica da propriedade privada dos meios fundamentais de produção e do trabalho alienado (*entfremdung*) e que apresenta a possibilidade da *produção coletiva*, mas que nega a apropriação também *coletiva* da *riqueza social produzida*.

A leitura lukacsiana tem como objetivo resgatar o núcleo central da obra marxiana, para revalidar a *crítica radical* a produção e reprodução da vida social e, especialmente, resgatar as

---

<sup>7</sup> “A percepção da ontologia em Marx fornece a Lukács os elementos passíveis de estabelecer de uma vez por todas a ruptura com o predomínio da gnosiologia e da epistemologia em nossos tempos. Suas reflexões partem da crítica fundamental que postula que, em Marx, ‘o tipo e o sentido das abstrações, dos experimentos ideais, são determinadas não a partir de pontos de vista gnosiológicos ou metodológicos (e tanto menos lógicos), mas a partir da própria coisa, isto é, da essência ontológica da matéria tratada’”. (VAISMAN, E.; FORTES, R.V., 2010, p. 21).

<sup>8</sup> Lukács (1969, p. 15) argumenta que: “[...] o objeto da ontologia marxista, diferentemente da ontologia clássica e subsequente, é o que existe realmente: a tarefa é a de investigar o ente com a preocupação de compreender o seu ser e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior”.

<sup>9</sup> Segundo Netto (1976, p. 68): “[...] Lukács situa-se no interior do marxismo de modo *suí genesis*. Seu posicionamento se perfila mediante uma dupla recusa: a) a recusa da redução do marxismo a uma filosofia da história, que pode embasar uma sociologia e uma história abstratas; b) a recusa da redução do marxismo a uma epistemologia, que pode embasar a formalização de um pensamento indiferente e manipulador, muito próximo a certas versões do neopositivismo.”

possibilidades da *emancipação humana*<sup>10</sup>. Lukács, na esteira marxiana, tem como fundamento do seu conhecimento a compreensão de que os homens são os *demiurgos de sua própria história*. As riquezas e as misérias humanas são única e exclusivamente fruto das ações humanas, *as circunstâncias históricas fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias*<sup>11</sup>. A responsabilidade pelo destino da humanidade está inteiramente nas mãos dos homens. Não há limite para o desenvolvimento humano, senão aqueles construídos pelos próprios homens. (LESSA, 2007).

Lukács (1986, p. 85-86) argumenta:

Seguindo Marx, eu me represento a ontologia como a verdadeira filosofia baseada na história. Ora, historicamente, é indubitável que o ser inorgânico aparece primeiro e que dele [...] provém o ser orgânico, com suas formas animais e vegetais. Deste estado biológico sai subseqüentemente, através de passagens extremamente numerosas, aquele que designamos com ser social humano, cuja essência é a posição teleológica dos homens, isto é, o trabalho. Esta é a categoria nova mais decisiva [...]

Lukács descarta toda tentativa de conferir autonomia às categorias teóricas, *as categorias são formas de ser, determinações de existência*. (MARX, 1983). Para o pensamento marxiano-lukacsiano, o ponto de partida é o processo de autoformação do gênero humano, do ser social, pelo trabalho. O processo de trabalho, atividade material e espiritual, realiza a unidade ação e pensamento, efetiva a integração sujeito-objeto e, ao mesmo tempo, aponta para a complicada relação entre a *causalidade* (os nexos causais da realidade social) e a *teleologia* (a pré-ideação, os projetos concebidos pela consciência), que passa a determinar concretamente o campo possível da liberdade humana. (FREDERICO, 1996).

Da aderência categórico-metodológica entre Marx e Lukács, é colocada a *tarefa*:

[A] tarefa de uma ontologia materialista tornada histórica é descobrir a gênese, o crescimento, as contradições no interior do desenvolvimento unitário; é mostrar que o homem, como simultaneamente produtor e produto da sociedade, realiza em seu ser homem algo mais elevado que ser simplesmente exemplar de um gênero abstrato, que o gênero – nesse nível ontológico, no nível do ser social desenvolvido – não é mais uma mera generalização à qual os vários exemplares se liguem “mudamente”; é mostrar que esses, ao contrário, elevam-se até o ponto de adquirirem uma voz cada vez mais claramente articulada, até alcançarem a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente de si. (LUKÁCS, 1978, p.15).

---

<sup>10</sup> A emancipação humana, transcendendo largamente a emancipação política, constituirá o programa da autêntica *humanidade social* – ordem societária que inaugura a verdadeira história humana ou, se se quiser, marca o fim da pré-história humana. (NETTO, 2009, p. 25). Nas palavras de Marx (2009, p. 72): “Só quando o homem individual retoma em si o cidadão abstrato e, como homem individual – na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais –, se tornou *ser genérico*; só quando o homem reconheceu e organizou as suas *forces propres* [forças próprias] como *forças sociais* e, portanto, não separa mais de si a força social na figura da força *política* – [é] só então [que] está consumada a emancipação humana”. (MARX, 2009, p. 72).

<sup>11</sup> De acordo com Marx e Engels (1999, p. 36): “Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que os ser consciente, e o ser dos homens é seu processo de vida real.

Para atender a indicações dessa possibilidade ontológica, compreendemos que Marx ao criticar a economia política e suas categorias teóricas, encontra a esfera real da filosofia<sup>12</sup> e, portanto, elabora uma concepção de mundo que procura explicar como o homem produz e reproduz a vida. Tais percepções tornaram possível uma *descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas*, conseqüentemente, uma concepção *ontológica histórico-materialista*. Dessa maneira, a realidade social é compreendida como edificação constituída historicamente e movido por rupturas e continuidades (dialéticas) que exigem novas superações no confronto com o *mundo dos homens*.

Ao retomar as categorias teóricas da economia política clássica, Marx reconhece os méritos de Adam Smith e David Ricardo, os clássicos atribuíram a devida importância ao trabalho, para eles “o trabalho é *tudo*, ou seja, fazem corretamente derivar do trabalho todas as categorias econômicas, mas descrevem, ao mesmo tempo, um mundo no qual o portador do trabalho, o trabalhador, não é *nada*.” (LUKÁCS, 2007, p. 183).

Para Marx, a economia política clássica expressou as leis do trabalho alienado, “a partir do conceito de trabalho *estranhado*, *exteriorizado*, o conceito de *propriedade privada*, assim podem, com a ajuda destes dois fatores, ser desenvolvidas todas as *categorias* nacional-econômicas, e haveremos de reencontrar em cada categoria, como por exemplo do regateio, da concorrência, do capital, do dinheiro, apenas uma *expressão determinada e desenvolvida* desses primeiros fundamentos. (MARX, 2004, p. 89). Partindo do caráter contraditório do trabalho na sociedade capitalista – riqueza e miséria<sup>13</sup> –, Marx demonstra como o trabalho, nesta formação social, aliena o trabalhador do seu próprio trabalho, torna o homem alienado do homem, da natureza, do gênero humano. (LUKÁCS, 2007).

Com essas indicações introdutórias, podemos afirmar, em princípio, que a *ontologia histórico-materialista* inaugurada pela crítica de Marx e assegurada por Lukács captura a *lógica da coisa* e, ao contrário do saber apologético, a história deixa de ser *uma coleção de fatos mortos*. Marx procura apreender o procedimento histórico da humanidade para entender a processualidade, a dialeticidade, a historicidade, a dinamicidade social na sua concretude, que na sociedade capitalista se assenta na exploração do trabalho. Marx, com a contribuição de Engels, transformou radicalmente todos os fenômenos da sociedade e do homem em “problemas” históricos, mostrando

---

<sup>12</sup> “Pela primeira vez na história da filosofia, as categorias econômicas aparecem como as categorias da produção e da reprodução da vida humana, tornando assim possível uma descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas”. (LUKÁCS, 1979, p. 14-15)

<sup>13</sup> “A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre o trabalhador (o trabalho) e a produção. Sem dúvida. O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador”. (MARX, 2004, p. 82)

concretamente o substrato real do desenvolvimento social e tornando-o *metodologicamente fecundo*. (LUKÁCS, 1979)

A *ontologia histórico-materialista* tem respaldo na história não como *atos mortos* como quer o *pensamento decadente* da burguesia<sup>14</sup>, mas na interpretação do “passado em sentido ontológico e não no sentido da teoria do conhecimento [...] Ontologicamente, ao contrário, o *passado nem sempre é algo passado, mas exerce uma função no presente* [...]” (LUKÁCS, 1969, p. 30). Nesse caso, o ponto de partida não é aleatório, muito menos pré-determinado. É puramente uma aproximação entre sujeito e realidade sócio-histórica. A apreensão da realidade social é uma profunda relação entre subjetividade e objetividade. A realidade objetiva, por ser produto da *práxis humana*, é subjetividade objetivada, ao passo que a subjetividade, pelo mesmo motivo, é a realidade objetiva que adquiriu forma subjetiva. A preocupação em percorrer as múltiplas determinações do movimento real (sujeito e objeto, numa coexistência dual) é o núcleo norteador da *ontologia histórico-materialista*.

## II) O TRABALHO COMO CATEGORIA FUNDANTE DA ONTOLOGIA HISTÓRICO-MATERIALISTA<sup>15</sup>

Na *ontologia histórico-materialista*, o trabalho emerge como *categoria fundante* de análise da sociedade, e é apreendido como prioridade ontológica na compreensão da processualidade social nas suas diferentes construções históricas.

O homem, por meio do trabalho, desperta as forças da natureza e aprimora os seus conhecimentos. Na medida em que se apropria da natureza pelo trabalho, faz com que a própria natureza seja transformada segundo os seus interesses e necessidades sociais. Nesse sentido, o *mundo natural* é o palco e o momento da *práxis humana* e se torna, por conseguinte, no *mundo social*. A relação estabelecida entre o homem e a natureza é social, pois reflete as ações humanas. Desse modo, o trabalho torna-se uma categoria histórico-social. O processo de trabalho é uma correlação de forças internas à própria natureza, pois o próprio homem é um momento da natureza. A natureza é a base objetiva para a ação do homem, e o homem é um ser ativo que padece de *objetivação* para sua sobrevivência.

---

<sup>14</sup> A *decadência ideológica* denunciada por Marx e Engels e, decodificada, por Lukács, é o período pós-1848 claramente marcado pela tentativa dos ideólogos burgueses em produzir conhecimentos que têm como premissas a evasão da realidade social, com explicitas intencionalidades de manutenção da ordem burguesa.

<sup>15</sup> As considerações apresentadas neste item têm como base o nosso livro: *A produção de conhecimentos no Serviço Social: o mundo do trabalho em debate*, editado pela editora UNESP, em 2011.



Na concepção marxiana, “o trabalho é um processo que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com a sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza [...] Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais”. (MARX, 2002, p. 211). O trabalho, portanto, é o processo recíproco de interação entre o homem e a natureza. Processo em que é afirmada a *ação humana* sobre o mundo. O homem, ao relacionar com a natureza, *objetiva-se* por meio das forças do seu corpo, com o intuito de se apropriar dos recursos naturais disponíveis. Esta interação possibilita ao homem, ao mesmo tempo, *transformar a natureza e a si mesmo*. A relação entre homem e natureza proporciona o desenvolvimento das *potencialidades humanas* e, conseqüentemente, submete a natureza ao seu domínio. A diferença entre o homem e os outros seres vivos emerge no modo como ele realiza a apropriação dos recursos naturais: não se dá de forma instintiva. Nesse processo ocorrem transformações recíprocas e aprimoramento da *atividade sistemática*. Por esse motivo “a essência do trabalho humano está no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estágios são produtos da auto-atividade do homem.” (LUKÁCS, s/d, p. 3).

O trabalho é a *mediação ineliminável* do homem com a natureza, que *objetiva* suprir as necessidades *humanas*, sejam elas *materiais* ou *espirituais*. No processo de apropriação da natureza, o ser começa a produzir os seus meios de vida e a si mesmo, pois ao objetivar-se pelo trabalho ele não só supri suas necessidades imediatas como também cria *novas* necessidades, que vão se complexificando ao longo da história da humanidade. Com isso são cobradas novas respostas, cada vez mais elaboradas, ao longo do processo de trabalho e da vida social. Assim, o ato de *externação da vida pelo trabalho* nunca é algo acabado em si mesmo, mas um processo de constantes superações e produção do novo.

Na interpretação de Lukács (s/d, p. 39):

[...] o trabalho se revela como o instrumento da autocriação do homem como homem. Como ser biológico, ele é um produto do desenvolvimento natural. Com a sua auto-realização, que também implica, obviamente, nele mesmo um retrocesso das barreiras naturais, embora jamais um completo desaparecimento delas, ele ingressa num novo ser, autofundado: o ser social.

A constituição do homem como ser que dá respostas às suas perguntas, tendo como finalidade suprir suas necessidades, é condicionada por suas características corporais e a principal é a *capacidade teleológica*. O *pôr teleológico* é o momento exclusivo do trabalho, em que o homem, na sua relação objetiva com a natureza, já tem construído idealmente o que ele pretende tornar concreto. Esse momento de *pré-ideação*, com um fim direcionado, resulta num produto final, que o homem já tinha idealizado antes de tornar concreto. “No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira,

o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade”. (MARX, 2002, p. 212). O processo do *pôr teleológico* sofre as influências das condições reais de existência. Ou melhor, toda maneira possível de dar vida à idealização humana depende, em primeira instância, das condições materiais estabelecida por determinada época histórica.

O processo de trabalho é constituído por “posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais”. A teleologia “é um modo de pôr – posição sempre realizada por uma consciência – que, embora guiando-as em determinada direção, pode movimentar apenas séries causais”. A causalidade “representa a lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram a sua expressão geral”. (LUKÁCS, 1978, p. 6)

Vale dizer que, enquanto a causalidade é um princípio de auto-movimento que repousa sobre si mesmo e que mantém este caráter mesmo quando uma série causal tenha o seu ponto de partida num ato de consciência, a teleologia, ao contrário, por sua própria natureza, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica numa finalidade e, portanto, numa consciência que estabelece um fim. Pôr, neste caso, não significa simplesmente assumir conscientemente, como acontece com outras categorias e especialmente com a causalidade; ao contrário, aqui, com o ato de pôr, a consciência dá início a um processo real, exatamente ao processo teleológico. (LUKÁCS, s/d, p. 8)

O trabalho tem sua forma de existir na intrínseca relação entre consciência e ato, que se configura em um momento unitário, o de pensar e transformar. O trabalho é um complexo unitário formado por dois momentos – ideal e real –, ou seja, consciência e ato, dois momentos diferentes de um mesmo *acontecimento*. Lukács oferece pistas precisas da relação intrínseca entre a ideia e a realidade, que configura o complexo unitário do trabalho. Para ele, a essência do trabalho consiste precisamente em ir além da fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, “mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia ‘já na representação do trabalhador’, isto é, de modo ideal”. (LUKÁCS, 1978).

A *ontologia histórico-materialista* ao reconhecer a *atividade sensível do homem* e sua dependência inseparável entre sujeito e objeto (coexistência dual), compreende o mundo como o palco da ação humana pelo trabalho. Assim, a explicação sobre a realidade social passa a ser compreendida como a relação específica entre ambos.

Em Marx e Lukács, o intercâmbio homem e natureza não é sinônimo nem de reflexo na consciência humana da referida relação, nem de condicionamento da atividade humana pela natureza, mas relação ativa entre ambas: “[...] a sociedade é a unidade essencial completada (*vollendete*) do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito.” (MARX, 2004, p. 107). Precisamente, trata-se da socialização da natureza e, ao mesmo tempo, da naturalização do

homem<sup>16</sup>. A partir deste princípio - consideração do objeto por ele mesmo, independentemente de aparatos gnosiológicos exteriores - é que se pode tratar objetivamente dos aspectos da vida social em sua configuração ontológica, na qual ser e pensamento correspondem a uma unidade dual (coexistência dual, relação entre sujeito e objeto<sup>17</sup>) cujo ponto de partida é o ser concreto e dinâmico, que se arquiteta por meio de sua *atividade sensível*, no caso o trabalho.

A construção teórica marxiano-lukacsiana não é um artifício gnosiológico. Sua fundamentação busca luz na própria *atividade sensível do homem*<sup>18</sup>, *nas formas de ser e existir do ser social*. O sujeito e o objeto não são distinguidos como simples exterioridades. Os sujeitos são os homens ativos diante dos objetos e os objetos são as atividades sensíveis dos sujeitos. Nesse caso, a subjetividade e a objetividade são produtos da autoconstrução humana, ou seja, da *prática humana*. “Pensar e ser são, portanto, certamente diferentes, mas [estão] ao mesmo tempo em unidade mútua” (Marx, 2004, p. 108). A subjetividade (atividade ideal) surge como a possibilidade de *ser coisa no mundo* e a objetividade (atividade real) como campo de possibilidades. Na compreensão da *ontologia histórico-materialista* evita-se fixar a sociedade contrária ao indivíduo, pois este é a confirmação da vida social. Marx (2004, p. 107) afirma que “antes de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a “sociedade” como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ele também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, uma externalização e confirmação da *vida social*”.

---

<sup>16</sup> O salto ontológico foi “a transformação da adaptação passiva do organismo ao ambiente em uma adaptação ativa, com o que a sociabilidade surge como nova maneira de generidade e aos poucos supera, processualmente, seu caráter imediato biológico [...] Mas de tal modo que o natural nele e em seu ambiente (socialmente) remodelado é cada vez mais fortemente dominado por determinações do ser social, enquanto as determinações biológicas podem ser apenas qualitativamente modificadas, mas nunca suprimidas de modo completo”. (LUKÁCS, 2010, p. 79-80)

<sup>17</sup> Sobre a coexistência e a dualidade sujeito-objeto, Lukács (2010, p. 80) escreve: “[...] o mero fato de que toda práxis tem como base um pôr teleológico, é preciso ficar claro, para nós, que todo pôr teleológico deve ter como pressuposto e consequência o surgimento da dualidade sujeito-objeto, que só é possível, como ser, coexistindo”.

<sup>18</sup> De acordo com Lukács (s/d, p. 22–23): “Somente no trabalho, quando põe os fins e os meios de sua realização, com um ato dirigido por ela mesma, com a posição teleológica, a consciência ultrapassa a simples adaptação ao ambiente - o que é comum também àquelas atividades dos animais que transformam objetivamente a natureza de modo involuntário - e executa na própria natureza modificações que, para os animais, seriam impossíveis e até mesmo inconcebíveis. O que significa que, na medida em que a realização de uma finalidade torna-se um princípio transformador e reformador da natureza, a consciência que impulsionou e orientou um tal processo não pode ser mais, do ponto de vista ontológico, um epifenômeno. E é essa constatação que distingue o materialismo dialético do materialismo mecanicista. Com efeito, este último reconhece como realidade objetiva tão somente a natureza em sua legalidade. Ora, Marx, nas suas famosas *Teses sobre Feuerbach*, distingue com grande precisão o novo materialismo daquele antigo, ou seja, o materialismo dialético daquele mecanicista: ‘O defeito principal de todo materialismo até agora (inclusive o de Feuerbach) é que o objeto, a realidade, a sensibilidade são concebidos apenas sob a forma do *objeto* ou da *intuição*; não porém como *atividade humana sensível, práxis*; não subjetivamente. Por conseguinte, o lado ativo foi desenvolvido abstratamente, em oposição ao materialismo, pelo idealismo – que naturalmente não conhece a atividade real, sensível, enquanto tal. – Feuerbach quer objetos sensíveis realmente distintos dos objetos do pensamento, mas ele não concebe a própria atividade humana como atividade *objetiva*’. E Marx acrescenta, claramente, mais adiante, que a realidade do pensamento, o caráter não mais epifenomênico da consciência só pode ser apreendido e demonstrado na práxis: ‘A discussão acerca da realidade ou não-realidade do pensamento - isolado da práxis -, é uma questão puramente *escolástica*’. A nossa afirmação de que o trabalho constitui a forma originária da práxis corresponde inteiramente ao espírito destas afirmações de Marx [...]”.

Marx descobre na atividade humana de transformar a natureza em meios necessários à sua sobrevivência – o trabalho aparece como categoria central – o principal atributo do ser social, a forma de produção e manifestação da vida social. O trabalho, na *ontologia histórico-materialista*, é a base elementar do ser social “é, antes de mais nada, em termos genéticos, o ponto de partida da humanização do homem, do refinamento das suas faculdades, o processo do qual não se deve esquecer o domínio sobre si mesmo.” (LUKÁCS, 1979, p. 87). Assim, para apreendermos o homem tendo como base elementar da sua existência, o trabalho, devemos compreendê-lo na produção e reprodução da sua vida.

Cabe salientar que a *ontologia histórico-materialista*, no anseio de compreender a sociabilidade humana e suas múltiplas determinações, não restringe ou esgota as suas análises ao trabalho, mas o resgata como *categoria fundante* na possibilidade de compreender o ser social e os complexos da reprodução social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *teoria social* oriunda de Marx e Lukács tem como “principal objetivo de estudo” a sociedade burguesa e as possibilidades de *transcendência* em direção a *emancipação humana*. A produção e reprodução da vida social sob a ordem do capital são as preocupações desses autores que objetivam compreender a sociedade moderna edificada a partir da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, ou seja, da particularidade histórica, política, cultural, econômica e social responsável pela construção da *modernidade*. A processualidade social é preocupação de suas análises, que se nutrem na *prática social humana* sobre o modo de produção capitalista. A *ontologia histórico-materialista* debruça-se sobre a interpretação da sociedade burguesa e suas contradições, tendo como principal “paradigma” científico o conflito de classes sociais.

Os dois pensadores, destacados como principais representantes da *ontologia histórico-materialista*, têm olhares particulares que se complementam sobre a sociedade burguesa. Marx, no século XIX, é o principal fundador do *materialismo prático*<sup>19</sup> e, posteriormente, de toda a tradição teórica que tem como fundamento a análise da sociedade sob o prisma de uma *Ontologia* que concebe a prioridade da *atividade humana sensível*. Já Lukács teve significativa importância pela reinterpretção da obra de Marx no século XX. Acudiu a teoria social do pensador alemão das deturpações e interpretações reducionistas oferecidas pelas ciências sociais e humanas, bem como

---

<sup>19</sup> *Materialismo prático*, expressão que Marx e Engels utilizam para particularizar suas compreensões de mundo na obra *A Ideologia Alemã* (1845/1846), em oposição ao idealismo objetivo de Hegel e o materialismo intuitivo de Feuerbach.

retomou as categorias *totalidade* e *trabalho* na análise da sociedade burguesa, fazendo oposição à constituição fragmentada do conhecimento<sup>20</sup>.

Lukács, como pensador da tradição marxista, nas últimas obras de sua vida (*Estética e Ontologia do Ser Social*), apresentou a proposta de resgatar os fundamentos ontológicos da teoria social de Marx. O marxista húngaro foi ousado ao discutir *Ontologia* em pleno século XX. Para a maioria dos cientistas sociais, filósofos e demais estudiosos da sociedade humana, a *Ontologia* não se coloca mais como possibilidade diante da situação da ciência e da filosofia<sup>21</sup> contemporânea, pois a divisão social do trabalho se desenvolveu com radicalidade e as diversas áreas têm condições “suficientes” para elaborar conhecimentos a partir das suas próprias “metodologias”, que abordam a realidade social a partir de interesses específicos. Para muitos, senão para grande maioria, o estudo do ser social em sua condição de existência determinada historicamente e analisada a partir da totalidade da vida social não é mais aceitável diante da sociedade contemporânea. Contra estas afirmações, a concepção teórica de Lukács se opõe e com qualificada argumentação teórico-filosófica apresenta importante perspectiva para afirmação da *Ontologia*.

Na *Ontologia* de Lukács, “seu objetivo é superar duas deformações simétricas do pensamento de Marx, cada uma das quais contribuindo para comprometer-lhe ou destruir-lhe e credibilidade. O determinismo unívoco, que absolutiza o poder do fator econômico, tirando a eficácia dos outros complexos da vida social, é condenada com rigor não inferir àquele usado para condenar a interpretação teleológica, que, de sua parte, fetichiza a necessidade ao considerar toda formação social ou toda ação histórica um passo no caminho para a realização de um fim imanente ou transcendente”. (TERTULIAN, 2010, p. 390 – 391).

Ao considerar o pensamento de Marx como a análise dos processos de produção e reprodução da vida social, a *ontologia histórico-materialista* desenvolvida por Lukács se esforça para rerepresentar, sem as interpretações parciais de um campo específico do conhecimento, as principais categoriais da concepção materialista, histórica e dialética. Diferente das Ontologias que vão de Aristóteles a Hegel, que sempre justificaram a sociedade vigente em cada momento, a *Ontologia* marxiano-lukacsiana é uma *Ontologia crítica* com o objetivo fundante de demonstrar a possibilidade e a necessidade histórica, da superação comunista da sociabilidade burguesa. Baseado

---

<sup>20</sup> Com o neopositivismo reinante no século XX e o reducionismo do marxismo pelo stalinismo, a ontologia original de Marx praticamente desapareceu. (LUKÁCS, 2010, p. 155)

<sup>21</sup> “A cientificidade ‘pura’ das pesquisas singulares perdeu cada vez mais seu contato fortemente com a filosofia. O positivismo e o neopositivismo que passaram a dominar na pesquisa reduziram cada vez mais seus traços filosoficamente generalizantes, para funcionar como um compêndio puramente prático, meramente eficiente, das pesquisas singulares, como uma metodologia subordinadas a elas. Essa separação decisiva entre filosofia e ciência particular resultou em um espaço ilimitado para esta última, aparentemente só limitada por postulados de ‘exatidão’. Essa ‘liberdade’, porém, é simplesmente o outro lado de seu sempre mais amplo colocar-se ao serviço da produção material e de sua organização racional para o mercado. Essa situação resulta em uma unidade peculiar, peculiarmente intrincada de total liberdade metodológica nas questões particulares a ser diretamente pesquisadas, e de uma ligação bastante estrita com sua efetividade, considerada do ponto de vista do mercado”. (LUKÁCS, 2010, p. 140)

nessas considerações, podemos afirmar que a *Ontologia* é o esforço *mais significativo, neste século, de fundamentar em bases sólidas a possibilidade e a necessidade históricas para a emancipação humana, da revolução socialista-comunista, tal como no projeto marxiano original: uma sociedade sem Estado, sem classes e sem exploração do homem pelo homem.* (LESSA, 2007, p. 207).

A *Ontologia* reinterpretada por Lukács, na inspiração marxiana, parte “do momento em que os homens são representados como atores e autores de sua própria história” (MARX, 2009, p. 131). Nesse caso, a possibilidade da emancipação humana está presente na elaboração teórica da *Ontologia* marxiano-lukacsiana como condição de superação da sociedade de classes. Para isso, a análise e a crítica imanente são tarefas imediatas diante do atual contexto de *relativismos apologéticos e agnósticos* tão presentes no debate das ciências sociais e humanas.

Justamente nesta direção de estímulo à *análise e crítica* a todo o tipo de “fragmentação” do conhecimento é que este texto foi escrito. Que o mesmo - ao tratar introdutoriamente da *ontologia histórico-materialista* - possa oferecer pistas aos interessados na leitura e compreensão das obras de Marx e Lukács. Ao mesmo tempo, que lhes possibilite a apreensão e a percepção do *ser social (histórico)*, tão valorizada por estes autores e elemento fundamental para a busca genuína pela *emancipação humana*.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROCO, M. L. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos.** São Paulo: Cortez, 2001.
- CHASIN, J. **Marx – estatuto ontológico e resolução metodológica.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- FREDERICO, C. Presença e Ausência de Lukács. In: ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. **Lukács: um Galileu no século XX.** São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Lukács: um clássico do século XX.** São Paulo: Ed. moderno, 1997. 112 p.
- \_\_\_\_\_. A recepção de Lukács no Brasil. In: **Herramienta: Revista de Debate y Crítica Marxista.** Disponível em: <http://www.herramienta.com.ar/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=223&mode=thread&order=0&thold=0>>. Acesso em: 15/08/2008.
- GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2002.
- LARA, R. **A produção de conhecimento no Serviço Social: o mundo do trabalho em debate.** São Paulo: UNESP, 2011.
- LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Lukács.** Ijuí: Ed, Unijuí, 2007.
- LUKÁCS. G. **Preleções para uma ontologia do ser social.** São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O jovem Marx e outros escritos.** Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto (orgs.). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- \_\_\_\_\_. **História e consciência de classe.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS. G. As bases ontológicas da atividade do pensamento e da atividade humana. In: **Temas de Ciências Humanas.** São Paulo: Ciências Humanas, 1978. v. 4.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1981. José Paulo Netto (org). (Grandes cientistas sociais, n. 20)

- \_\_\_\_\_. **Ontologia do Ser Social:** os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Ontologia do Ser Social:** o trabalho. (mimeo, s.d.) (Tradução de Ivo Tonet)
- \_\_\_\_\_. **G. Lukács – diálogo sobre o pensamento vivido.** São Paulo: Ensaio, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Per una ontologie dell'essere sociale.** Roma: Riuniti, 1976/1981.
- \_\_\_\_\_. **Conversando com Lukács.** São Paulo: Terra e Paz, 1969.
- MARX, K. **Para a questão judaica.** São Paulo: expressão popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia:** resposta à filosofia da miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: expressão popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O capital:** crítica da economia política. 19. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.
- \_\_\_\_\_.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- NETTO, J. P. Prefácio. In: MARX, K. **Para a questão judaica.** São Paulo: expressão popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Ditadura e Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo monopolista e Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Lukács e a sociologia.** In: Contexto, nº 1, novembro. São Paulo: Hucitec, 1976.
- OLDRINI, G. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: PINASSI, M. O.; LESSA, S. (orgs). **Lukács e a atualidade do marxismo.** São Paulo: Boitempo, 2002.
- TERTULIAN, N. Posfácio. In: LUKÁCS. G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social.** São Paulo: Boitempo, 2010.
- VAISMAN, E.; FORTES, R. V. Apresentação. In: LUKÁCS. G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social.** São Paulo: Boitempo, 2010.